

In Memoriam

“AOS HERÓIS DESCONHECIDOS DE TODAS AS PÁTRIAS”

Brig do Ar R/R PAULO COSTA

Washington DC, 06 de junho de 1988.

Dia memorável pela pureza do céu, da amena temperatura e pela evocação do passado que marcava o Dia D como um dos maiores feitos militares de todos os tempos.

De pé, cerca de trinta veteranos do 1.º Grupo de Caça postavam-se de um lado e do outro da passarela que conduz ao Túmulo do SOLDADO DESCONHECIDO, no Cemitério de ARLINGTON, aguardando silenciosa e respeitosamente o início da cerimônia. Uma banda marcial da Força Aérea americana executou com perfeição os Hinos do Brasil e dos EUA. Findo o último acorde, surgem, na passagem central coberta com um tapete vermelho, a figura de nosso Comandante - Brigadeiro Nero Moura, acompanhado de altas patentes da USAF e de nosso Adido Aeronáutico - Brigadeiro Rebelo, que solenemente se encaminham para o Túmulo do Soldado Desconhecido. Ali ele deposita uma coroa de flores. Um corneteiro imponente faz soar com perfeição absoluta o Toque de Silêncio. Ao longe contemplavam-se os verdes parados que circundam o cemitério e, ao fundo, a silhueta branca do Capitólio. Ante a grandeza da cerimônia, a beleza do cenário e o silêncio profundo e respeitoso de todos os presentes, poucos contiveram as lágrimas, orgulhosos pela honraria que acabava de ser tributada ao 1.º Grupo de Caça e, através dele, a nosso País. E cada um de nós transportou-se, no tempo e no espaço, àquela Grande Guerra em que

combatéramos lado a lado com aquele mesmo povo norte-americano que agora nos homenageava de maneira tão significativa.

E vagando com a rapidez que só o pensamento é capaz, relembramos nossa ação em combate, nossas angústias e alegrias naquela memorável Campanha da Itália e que, não fora nossa boa sorte e a ajuda de Deus, cada um de nós ali presente poderia estar sendo, simbolicamente, reverenciado como fazíamos ao Soldado Desconhecido americano. E recordamos de nosso diário, dentre muitas outras ações, o comportamento do combatente como ser humano face ao perigo a que se expunha em cada ação de combate. Tais escritos talvez ajudem os jovens e combatentes em potencial a controlar seus sentimentos em uma luta armada, que esperamos não venha a ocorrer, mas que é a destinação de todos os militares de carreira. E diziam as anotações - Os covardes e os heróis são homens anormais, pois uns têm medo demais e os outros, nenhum. Todo o indivíduo normal, quando face ao perigo evidente, sofre os efeitos do medo. Também é normal que o domine. Os que não o conseguem fazer são aqueles a quem chamamos covardes.

Na guerra, não fomos nem heróis nem covardes. Tivemos medo, mas fomos capazes de combatê-lo e assim conseguimos chegar ao último dia de ação, 2 de maio de 1945, como um combatente qualquer. É evidente que os pilotos em combate sofrem maiores ou menores ten-

sões, conforme o saldo maior ou menor da soma de suas características pessoais e fator sorte. Decididamente há pessoas sem sorte e um piloto de guerra sem sorte, ou se acovarda após algumas missões mal sucedidas ou morre logo. Foi o caso de nosso colega de turma e saudoso amigo John Richardson Cordeiro e Silva que foi morto em sua primeira missão de combate. Piloto valente, não podia aceitar que a guerra também fosse um jogo em que sai vencedor o que perde menos. Assim, atacou um objetivo na cidade de Bolonha em que se sabia ser quase impossível retornar sem graves avarias, dada a excepcionalmente forte concentração de artilharia antiaérea de todos os calibres. Seriadamente atingido, não pensou logo em si, e sim que devia continuar um piloto combatente, o que não aconteceria se saltasse sobre a cidade. Voou o máximo que pôde com seu avião praticamente destruído, até atingir nossas linhas. Já era, porém, tarde demais e o salto em pára-quadras que lhe teria salvo a vida, se executado imediatamente após ser atingido, mas que o eliminaria como combatente já que tornar-se-ia, irremediavelmente, um prisioneiro de guerra, foi-lhe fatal pela quase nenhuma altura que o separava do solo. Morreu por ser bravo e pela sua tremenda falta de sorte em ser escalado para uma missão daquelas e procurar executá-la como se fora sobre um alvo sem oposição.

Para que não julguem erroneamente alguns dos que nos lêem, lembro que a guerra, mesmo as de desagravo nacional, são condicionadas ao jogo de perdas e ganhos. E foi assim que o Japão rendeu-se aos Estados Unidos, com seu Exército e Força Aérea praticamente intactos, com apenas as destruições de Hiroshima e Nagasaki. Pela mesma razão havia áreas no TO italiano que não se podia atacar (por ordem do comando do TO) porque os possíveis danos infligidos ao inimigo eram ultrapassados de muito pelas perdas sofridas. Lembro que nossos companheiros Joel Miranda e seu ala Danilo Moura foram derrubados simultaneamente atacando uma simples "locomotiva" em uma dessas áreas "Proibidas".

Lembramos de vários companheiros nossos que sofriam danos em missões nas quais ninguém mais era atingido e de outros que sempre saíam incólumes, quando quase todos eram devidamente "esburacados". Isto é difícil de explicar, mas aconteceu e acontecerá enquanto vivermos. Os que duvidarem vivam a vida íntima dos combatentes de qualquer guerra ou guerrilha (II GG, Coréia, Argélia, Vietnã etc.) e não mais duvidarão.

Nosso batismo de fogo tivemos-lo na primeira missão. Levados por um líder valente, o então Tenente Josino Maia de Assis, atacamos uma estação de estrada de ferro fortemente defendida. Os "Hunos" atiravam tanto durante nosso mergulho que o solo, para onde nos aproximávamos vertiginosamente, parecia um terreno em noite de São João, tantas eram as bocas expelindo chamas. Apesar disso, sentimos mais apreensão do que medo e ainda nos sobrou energia para falar ao líder sobre a violência do fogo antiaéreo. Cremos que por não se julgar superior aos "fados", o Comandante suspendeu o segundo ataque e conseguimos regressar à Base e salvos. Estranha sensação na barraca; não nos sentimos apavorados com a lembrança da terrível quantidade de balas traçantes que víamos subir em nossa direção durante o mergulho para o ataque mas, apenas, contentes de termos sido ajudados pela sorte e sair sem sermos atingidos.

Em nossa segunda missão, não fomos abatidos pelo azar do inimigo ou por nossa dose de sorte. Sobrevoávamos o passo de Brenner tentando localizar o guia, após um bombardeio em mergulho à ponte de Ora, e descuidamos das manobras evasivas. Os "Hunos" lá em baixo devem ter achado graça vendo um "pato" sobrevoar suas posições em linha reta e altura constante. Apesar desse ato de estupidez em combate, erraram a primeira salva dos quatro tiros de canhão 88mm. Despertados pelo barulho, pelo cheiro da pólvora e pelos quatro cogumelos negros, recuperamo-nos do ataque de burrice e não demos mais chance aos alemães, embora esses, agora enraivecidos por perderem o "Pa-

to", atirassem furiosamente. É confortador lembrar que as manobras evasivas davam excepcional resultado apesar da precisão dos 88 que explodiam aos 4, no exato lugar que era ocupado frações de segundos antes. Nessa missão tivemos também mais apreensão que medo, e em momento algum estivemos ameaçados de entrar em pânico. Lembro-me bem de que a violência das manobras que executávamos em certo momento deu a impressão de que o P-47 ia entrar em perda. Olhei o velocímetro e constatei que era absolutamente verdadeira a impressão percebida, o que bem evidencia, principalmente hoje, transcorridos mais de 43 anos, que estávamos com o sentimento de "pilotagem e raciocínio absolutamente normais".

Na Base constatamos que fomos atingidos por um dos estilhaços de granada, que apenas atravessara nosso estabilizador vertical. Na terceira missão éramos a própria tensão, mas pelo fator sorte ou acaso, ou o que queiram chamar, nada aconteceu ao meu Thunderbolt. Lembro-me bem de que a cada passe estávamos como o dito, com um olho no padre e outro na missa, "olhando para todos os lados tentando adivinhar de onde viria a saraivada de balas". E assim fomos, sempre ajudados pela sorte, até a trigésima segunda missão.

Eis, porém, que um dia do mês de março saímos para uma missão chamada pelos americanos de "first lights"; para nós "Patrulha na Madrugada". Nosso objetivo era uma fábrica de torpedos numa pequena cidade chamada Sermione que fica em uma península na parte Sul do lago de Garda. Fazia um tempo lindo, um céu quase sem nuvens e nenhuma turbulência. Caprichamos no mergulho e julgamos ter acertado em cheio. Cabrando rumo às alturas sentíamos-nos como se fôssemos heróis, embora nosso ataque fosse pouco mais que uma gota d'água no oceano. No regresso, o Comandante da Esquadilha voava baixo à procura de objetivos de oportunidade. Como era ainda muito cedo e o inverno que findava cobrisse os campos de um nevoeiro tênue, passou o líder inadvertidamente sobre o campo de Vila Franca, um

dos mais bem defendidos pelos alemães. Voávamos em "cobrinha", na posição de número quatro. Os primeiros dois passaram quase sem reação; já o terceiro recebeu uma acolhida não muito boa. Nós, por sermos os últimos, fomos recebidos com todas as "honras". Parecia um voo dentro de cúmulos-nimbos, tal a quantidade de explosões, clarões e fumaça. Nunca antes, nem jamais depois, fomos tão violentos numa pilotagem. Fazíamos zig-zags, cabradas e picadas, derrapagens e glissadas tão violentos que, até hoje, não compreendemos como não entramos em perda. Apesar da ferocidade do ataque ou talvez por isso mesmo, o sentimento que tivemos não foi de medo e sim de frustração — "Vamos morrer sem dar um tiro neles", pensamos — mas em nenhum momento sentimos pânico. Creio que se a hora tivesse chegado, teríamos morrido, pelo menos conformados.

No "papo" na barraca, no regresso da missão, comentava o guia da Esquadilha — "Puxa, como atiravam: eram tantas as explosões que eu não via seu avião". No entanto, só uma bala nos atingiu, pondo fora de ação um dos magnetos, o que não atrapalhou em nada nosso valente P-47, que nos transportou incólumes ao nosso acampamento de Pisa.

Hoje, passados mais de quarenta anos, estamos absolutamente certos de que só a sorte e a vontade divina impediram que fôssemos abatidos naquela missão.

Outras se sucederam e, embora tenhamos sido atingidos mais três vezes, sendo que de uma feita duas vezes num mesmo dia, chegamos ao dia 2 de maio, término das hostilidades na Itália, como um dos 23 pilotos que, do total de 48 do grupo, combateram até o último dia de operações.

O encerramento daquela tocante cerimônia com o natural deslocamento dos presentes e o som de suas vozes, certamente enaltecendo a beleza a que acabavam de assistir, fizeram minha mente saltar, num relance, daquela longínqua Itália de 1945, para aquele lugar sagrado, onde os americanos ainda cultuam a memória de seus heróis. ■